

## AS CORES DO ARMORIAL *TOISON D'OR* COMO REPRESENTAÇÃO DOS VALORES MILITARES DA CAVALARIA DA BAIXA IDADE MÉDIA<sup>1</sup>

Diego Apellaniz Borba

**Resumo:** As Ordens de Cavalaria estavam consolidadas durante a Baixa Idade Média e seus valores apresentavam-se sob muitas formas, por meio da escrita ou das imagens. As virtudes que influenciaram a criação desses corpos militares também foram registradas por meio das cores e metais heráldicos que se encontram nos múltiplos Armoriais elaborados ainda durante o Medievo. O Armorial Equestre *Toison d'Or* (século XV) é uma dessas obras e traz em suas páginas iluminuras dos cavaleiros pertencentes à Ordem homônima. O presente estudo busca compreender as cores e metais heráldicos contidos no Armorial Equestre *Toison d'Or* como representação simbólica das virtudes militares nas Ordens de Cavalaria da Baixa Idade Média europeia.

**Palavras-chave:** Cavalaria; Heráldica; Virtudes Militares.

### INTRODUÇÃO

As Ordens de Cavalaria foram corpos militares cujas regras de conduta formaram-se a partir da aproximação entre a nobreza e os combatentes montados, ainda durante os séculos XII e XIII. A relação entre os nobres e esses guerreiros estabilizou-se nos séculos XIV e XV, promovendo o surgimento de diversas Ordens Militares.

Como um corpo militar medieval, essas Ordens por vezes possuíam estandartes e insígnias comuns a todos os seus integrantes, especialmente no que diz respeito às Ordens de Cavalaria religiosas. Outras Ordens, chamadas leigas, eram constituídas pela associação de nobres cavaleiros que mantinham seus brasões familiares como forma de identificação.

O Armorial *Toison d'Or* contém em suas páginas as iluminuras de brasões familiares de nobres cavaleiros que unidos criaram a Ordem leiga *Toison d'Or*. A

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar, sob a orientação do Prof. Armando Alexandre dos Santos.

presente pesquisa busca verificar as cores e metais contidos nas iluminuras desse Armorial – que se encontra disponibilizado para acesso online e para download no site da Bibliothèque Nationale de France –, como representação simbólica das diversas virtudes militares surgidas e contidas no seio da Cavalaria medieval.

As insígnias militares constituem verdadeiros documentos que auxiliam na compreensão dos valores castrenses, sendo possível questionar por meio da iconografia qual a relação entre as representações heráldicas do Medievo e as virtudes militares desenvolvidas no âmbito das Ordens de Cavalaria da Baixa Idade Média europeia.

O recorte temporal desta pesquisa apresenta o período temporal da Baixa Idade Média, por ser este o momento de plena consolidação e aproximação entre a nobreza e a cavalaria, bem como pela profusão de fontes literárias primárias do período que remetem a esse tema.

A pesquisa é fundada em três pilares: os conceitos heráldicos, as fontes medievais e o próprio *Armorial Toison d'Or*. De um lado, há manuais heráldicos que mencionam os sete esmaltes - dois metais e cinco cores - utilizados na confecção de um brasão. De outro lado, existem os filósofos medievais e as virtudes militares por eles estudadas e tidas como indispensáveis a um membro da Ordem de Cavalaria durante o Medievo. Por fim, há o *Armorial Toison d'Or*, que apresenta as iluminuras objeto de análise deste estudo.

A fonte primária – o *Armorial Toison d'Or* – apresenta a heterogeneidade essencial para a delimitação do recorte espacial, porque contém brasões de nobres cavaleiros de partes distintas do continente europeu, proporcionando uma análise mais abrangente da Cavalaria naquele continente, superando eventuais distorções causadas pela regionalidade.

O objetivo principal deste trabalho é, pois, identificar se as virtudes militares das Ordens de Cavalaria europeias da Baixa Idade Média estão representadas nos esmaltes heráldicos apresentados pelas iluminuras do livro *Armorial Toison d'Or*.

O desenvolvimento deste estudo utilizou como abordagem metodológica a busca pela compreensão dos valores militares das Ordens de Cavalaria europeias da Baixa Idade Média a partir das cores e metais heráldicos contidos no *Armorial Toison d'Or*. Portanto, surge pela inquietação intelectual diante do fenômeno das representações das virtudes castrenses de um determinado período e suas relações com determinados brasões.



O estudo desenvolve-se dentro da área teórica, uma vez que busca seus fundamentos no espaço teórico-conceitual das respectivas áreas de conhecimento. Assim, procura inicialmente os conceitos teóricos da Heráldica e da representação histórica para o desenvolvimento da pesquisa. Também visa a estabelecer, por meio dos autores medievalistas, o conceito de cavalaria. Já os valores militares são estudados a partir da historiografia e dos conceitos aristotélicos e da Guerra Justa - que também são bases teóricas da filosofia medieval.

Para tanto, examina as origens dos próprios valores castrenses no seio da Cavalaria medieval ao verificar a relação de causa e efeito das representações heráldicas no recorte temporal escolhido. Assim, trata-se de pesquisa eminentemente explicativa, pois visa a analisar tais fenômenos e explicar a relação de causa e efeito existente entre os mesmos.

A metodologia qualitativa será utilizada na análise dos valores militares desenvolvidos no seio das Ordens de Cavalaria da Baixa Idade Média. Essa técnica, aliada ao método indiciário e iconográfico, será fundamental para a realização do cotejo entre as cores e metais das iluminuras da obra *Armorial Toison d'Or* e as diversas fontes primárias e heráldicas em que se identificam as virtudes militares da Cavalaria medieval.

Não obstante, o método quantitativo estará presente na medida em que será estabelecida estatisticamente, inclusive por meio de gráficos, a proporção em que os metais e cores se apresentam na obra analisada. Há, então, um aspecto quantitativo presente no método deste estudo, uma vez que ambas as metodologias são indispensáveis para a compreensão da problemática apresentada. Já a literatura medieval será verificada a partir de sua função comunicadora de valores, muitas vezes na personificação do cavaleiro. As obras de Ramon Llull (c. 1232-1315) e São Tomás de Aquino (1225-1274) são exemplos do pensamento filosófico medieval relevantes ao tema.

A observação das fontes, dessa forma, será estruturada buscando observar frequências, tanto no que diz respeito à amostragem de cores e metais no *Armorial Toison d'Or* quanto na incidência das virtudes militares nos textos literários medievais. As amostragens servirão como base para o necessário cruzamento de fontes e verificação da correlação entre as virtudes militares das Ordens de Cavalaria e o que se apresenta nos manuscritos medievais e heráldicos.

O primeiro capítulo é destinado ao estudo teórico que conduz à justificativa da utilização da imagem como documento e fonte histórica. O capítulo seguinte é constituído de questões teóricas relativas aos conceitos oriundos de outro campo do conhecimento: a Heráldica. Não haveria êxito no presente estudo sem antes definir as áreas de atuação da própria Heráldica, além de sua correlação com o conceito de representação e o seu emprego na análise iconográfica das iluminuras da obra *Armorial Equestre*.

Já com os pré-requisitos da compreensão da imagem como documento e dos conceitos heráldicos, a presente pesquisa apresenta em seu capítulo terceiro a relação entre os esmaltes heráldicos e o conceito de representação. Dessa forma, o quarto capítulo é destinado ao estudo da gênese da Cavalaria, bem como ao pensamento filosófico medieval que influenciou o desenvolvimento da vida militar e da formação dos valores militares do medievo. Todos os capítulos precedentes servem como base para o quinto e último capítulo, onde a imagem como documento e os conceitos heráldicos serão aliados à representação na análise dos valores militares que formam a cavalaria medieval e que estão contidos nas iluminuras do *Armorial Toison d'Or*, sob a forma de metais e cores.

## 1. Documento e Imagem

Não obstante as imagens tenham sido relegadas por muito tempo ao domínio dos estudos da arte, hoje elas são consideradas como verdadeiros documentos que se revelam, tanto quanto testemunhos escritos, em verdadeiras fontes primárias da ciência histórica (SCHMITT, 2007, p. 11). De fato a mudança do paradigma do documental escrito como fonte única de análise pelo historiador ocorreu durante a primeira metade do século XX e foi contribuição da Escola dos *Annales*<sup>2</sup> (BURKE, 1992, p. 11). Como ensina REIS (2000, p. 77), foi justamente FEBVRE - um dos fundadores dessa Escola histórica – que propôs o estudo da história a partir de “todos os documentos que são vestígios da passagem do homem [...] Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais

---

2 Escola histórica fundada por Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), cujo marco inicial é tido como o lançamento da Revista dos *Annales*, em 1929.

arqueólogos”. A mesma metodologia passou a ser seguida pelos historiadores das fases seguintes daquela Escola.

O medievalista LE GOFF (1990, p.7) - membro da terceira fase da Escola dos Annales - explica a importância da imagem para a ciência histórica:

Junto à história política, à história econômica e social, [...] nasceu uma história das *representações*. Esta assumiu formas diversas: [...] história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do *imaginário*, que permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito, sob a condição de respeitar sua especificidade [...]

Dessa forma, não somente testemunhos escritos ou documentos oficiais são aceitos como fontes históricas, mas qualquer monumento, obra artística ou imagem também é instrumento capaz de expressar determinado aspecto cultural de um período e de um grupo específico. Isso porque, como afirma SCHMITT (2007, p.11):

Todas as imagens, em todo o caso, têm a sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos.

No caso do presente estudo, esses valores simbólicos são justamente os valores militares comunicados por meio das iluminuras contidas no *Armorial Toison d'Or*. Por essa razão, a análise dos usos e costumes de tais Ordens é fundamental para a compreensão proposta por esta pesquisa, pois, de fato, as instituições, organizações e comunidades unem-se e organizam-se em torno de valores, como bem observou BLOCH (2001, p.85):

Será assim pelo menos até que, renunciando a se entregar às suas próprias tragédias com essa disposição, as sociedades consintam enfim a organizar racionalmente, com sua memória, o conhecimento de si mesmas”.

As instituições militares também estão inseridas no rol daquelas estruturas que são formadas a partir de indivíduos que se agrupam e organizam por valores. E as Ordens de Cavalaria durante a Baixa Idade Média não eram diferentes. As próprias tradições militares são documentos da memória militar continuamente transmitidas de

uma geração a outra, perpetuando a história da instituição (DE PAULA, 2010, p.21). As insígnias, os símbolos, os comandos e as estátuas são representações de valores militares ao redor dos quais a instituição se congrega, preservando sua memória, retroalimentando-se e renovando-se nas gerações vindouras. Ainda que em caráter familiar e de forma difusa durante a Idade Média, tais valores incluem os elementos mais básicos necessários ao combatente, como a coragem ou a lealdade, além de outros valores de fundamental importância social para o período, como a *caritas*<sup>3</sup>.

O somatório desses elementos culturais, quando relacionados com as mais diversas alegorias que os expressam, caracterizam um organismo vivo, como destaca DE PAULA (2010, p.20): “Constituem uma memória viva, permanentemente renovada nas representações que exteriorizam esses valores, usos e costumes [...]”. Nesse sentido, os brasões do período medieval também se apresentam como símbolos e, assim, constituem-se verdadeiros documentos históricos, especialmente quando verificados a partir das mais variadas fontes, como armoriais, manuscritos, crônicas etc.

Portanto, torna-se imprescindível – para evitar anacronismos – mergulhar no pensamento filosófico medieval que conduziu à formação das Ordens de Cavalaria, cabendo ao historiador:

[...] a tarefa de colher a alma do soldado nas memórias e nas representações [...] Será reconhecer as características das instituições militares envolvidas, a que povos e a que culturas pertenceram, o que buscavam, o que obtiveram, que contribuição deixaram para a humanidade, por que lutaram, por que morreram . (DE PAULA, 2010, p. 38)

E, se o estudo da história implica aproximação com a Memória - pois quando aliadas buscam a representação do passado e suas maneiras de relacionar-se com o real (PASSAVENTO, 2014, p. 96) - torna-se imprescindível o estudo de uma obra específica – no caso, o *Armorial Equestre Toison d'Or*. E para a análise das iluminuras dessa obra também se deve observar os conceitos que lhe são pertinentes, como informa KERN (2005, p.18): “Para a interpretação das imagens é necessário que se tenha presente a sua historicidade, o seu estatuto e os conceitos que as balizaram.”. Dessa forma será necessário verificar alguns conceitos do campo da ciência Heráldica e da formação dos

---

3 A '*caritas*' compreendida no sentido medieval, mais amplo do que a da caridade monetária e que abrange elementos outros pertencentes à cultura medieval, inclusive religiosa. (LE GOFF, 2015, p.246).

usos e costumes das Ordens de Cavalaria da baixa Idade Média, para que depois se proceda à análise qualitativa e quantitativa do *Armorial Toison d'Or*.

## 2. Da Ciência Heráldica e suas Definições

O uso de conceitos provenientes das mais diversas disciplinas é elemento usual no desenvolvimento da pesquisa histórica. Uma das principais contribuições apresentadas pelos *Annales* foi a interdisciplinaridade (REIS, 2010, p.81). Segundo FEBVRE (1953, p.32 *apud* BURKE, 1992, p.11), o historiador deve necessariamente interagir com outros campos do conhecimento: “Historiadores, sejam geógrafos. Sejam juristas, também, e sociólogos, e psicólogos”. Não obstante a utilização dos conceitos oriundos de outras áreas do conhecimento humano (REIS, 2010, p.81), por óbvio, preservam-se sempre a utilização dos métodos e objeto próprios da ciência histórica.

A relevância da interdisciplinaridade continua a ser defendida por historiadores atuais, como BURKE (2008, p.170): “A história cultural não é monopólio de historiadores. É multidisciplinar, bem como interdisciplinar; em outras palavras, começa em diferentes lugares [...]”. Assim, constitui-se o ofício do historiador identificar tais campos e disciplinas úteis ao conhecimento histórico e manejar eventuais conceitos externos para a elucidação da problemática proposta, adaptando-os, sempre, ao método da ciência histórica (BLOCH, 2001, p. 81). A primeira fase consiste então em compreender o que é a ciência Heráldica e como os principais autores dessa ciência conceituam o termo 'brasão'.

O primeiro conceito a ser analisado é o da própria palavra 'heráldica'. O estudo etimológico indica que a palavra 'heráldica' deriva do termo 'arauto' (POLIANO, 1986, p. 5). O termo 'arauto', por sua vez, possui sua origem na palavra grega 'Κηρυξ', cujo significado é 'orador' (WOODWARD, 1896, p.1). De fato, as palavras gregas que possuem o radical 'Κηρυ-' indicam 'proclamação', como no caso de 'Κηρυκευμα', que designa o próprio 'ato de proclamação' advindo do arauto (PEREIRA, 1998, p.320). Os arautos, conforme POLIANO (1986, p.5), eram encarregados de anunciar em viva voz os nomes e as virtudes dos combatentes nos torneios medievais, sendo responsáveis também pela publicação dos resultados dessas justas<sup>4</sup>.

---

4 As justas eram torneios que desempenhavam um importante aspecto da cultura medieval, e seu conceito originário é resumido por FLORI (2012, p.132) como o combate entre dois nobres que, a cavalo, lançavam-se um contra o outro portando lanças.

A importância das justas é referida por HUIZINGA (2013, p.123): “O mundo da nobreza [...] confere a tudo que se refere a torneios e disputas cavaleirescas uma importância que não se compara à de nenhuma outra prática esportiva de hoje em dia”. Ainda que a afirmação do autor possa parecer demasiada em certos aspectos, é inegável a importância dos torneios e justas para a sociedade cavaleiresca medieval. Sendo assim, a figura do arauto ganha destaque na medida em que ele torna-se responsável por apresentar as virtudes do cavaleiro aos demais combatentes e às damas que acompanhavam a justa.

Dada a importância dos torneios, logo foram estabelecidos rígidos regulamentos de conduta. E eram os arautos os responsáveis pela solução de possíveis conflitos surgidos da interpretação das regras destes combates, funcionando, assim, como verdadeiros árbitros ou juizes que reduziam a termo e registravam em pergaminho todas normas necessárias à realização da atividade dos combates. Os arautos (POLIANO, 1986, pp. 5-6) gozavam de tamanho prestígio que costumavam acompanhar oficialmente os embaixadores às cortes estrangeiras para a solução pacífica de conflitos.

A compreensão do conceito de Heráldica ocorre por meio da existência de duas funções exercidas pelo arauto (POLIANO, 1986, p.5): “A Heráldica – ciência ou arte dos brasões – é o conjunto de regras ou preceitos a que se subordinam os escudos de armas em todos os seus aspectos”. A definição apresentada une duas das funções precípuas dos arautos: ao mesmo tempo em que eram responsáveis por proclamar as virtudes do cavaleiro combatente no torneio, também estabeleciam as normas de conduta dos embates. Assim é a ciência Heráldica, pois as regras que regem a arquitetura do escudo têm por finalidade estabelecer a proclamação de virtudes de uma família, de uma cidade ou de um indivíduo específico.

A relação fica mais evidente ao analisarmos a origem da palavra 'brasão'. Embora não haja consenso entre os autores, CARRAFA (1920, p.1) menciona que o termo 'brasão' possivelmente seja derivado da palavra inglesa 'blase'<sup>5</sup> (YÁZIGI, 1973, p.50), que também significa 'publicar'. O mesmo autor defende que a palavra 'blase' daria origem então ao vocábulo 'blasonar', que designava o ato do arauto proclamar as armas<sup>6</sup> de um cavaleiro no momento em que este se apresentava para o combate nos

5 Registra-se que embora o autor apresente a grafia 'blase', o Yázigí Dictionary indica a escrita 'blaze'. O mesmo dicionário indica para esse vocábulo, entre outras traduções, o sentido de divulgar, tornar conhecido. Também, trata o termo 'blaze' como sinônimo da palavra inglesa 'blazon', no seguintes termos: “bla.zon/'bleizn/ v.t. e v.i. = *blaze*”.

6 O termo “Armas” aqui é aplicado como sinônimo de 'brasão'.

torneios; mas a descrição em si das armas pelo arauto ficou conhecida na língua espanhola como 'blasón', ou 'brasão' em português. Desta forma, o ato de proclamar as virtudes era conhecido como 'blasonar' e ao conjunto daquilo que era descrito pelo arauto deu-se o nome de 'blasón'. No mesmo sentido, FOX-DAVIES (1985, p.78) também defende a tese de que o vocábulo 'blazon' encontra-se, de fato, na gênese do termo 'brasão'.

No sentido mais amplo da ciência Heráldica, o brasão absorve ainda uma perspectiva prática e abrangente. Segundo CARRAFA (1920, p.15): “O brasão gira em torno do Escudo, e seus princípios gerais consistem no *campo*, *esmaltes* e *figuras* com sua postura e disposição; o *timbre*, *ornamentos exteriores* e os *modos* de apresentá-los por *ordem* e com terminologia própria da arte”.<sup>7</sup> É por meio das regras da ciência Heráldica que o brasão estará pronto para ser proclamado e identificar determinada família, cavaleiro ou mesmo cidade. Os elementos que constituem o brasão e que são regidos por essas regras heráldicas são diversos, a saber: o escudo<sup>8</sup> (POLIANO, 1986, p.14) e seu campo, os esmaltes<sup>9</sup> (WORTHY, 1889, p.20), as figuras heráldicas<sup>10</sup> (CARRAFA, 1920, p.59).

A Heráldica, portanto, apresenta um grande universo de elementos regidos por normas específicas de aplicação. No entanto, para que se possa avançar em direção à resposta da problemática estabelecida nesta pesquisa, a metodologia da ciência histórica demanda uma delimitação de recorte no que diz respeito aos elementos heráldicos contidos na obra *Armorial Toison d'Or*. Assim, estabeleceu-se como recorte apenas a análise de representação iconográfica das cores e metais, que são esmaltes e completam tanto o campo do escudo quanto as próprias figuras heráldicas que sobre ele repousam. Os esmaltes que preenchem o campo do escudo e as figuras heráldicas, como visto, apresentam três classificações: os metais, as cores e os forros. No entanto, os forros estão fora do recorte de pesquisa, como será explicado.

---

7 Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “El Blasón gira em torno del Escudo, y sus principios generales consisten en el *campo*, *esmaltes* y *figuras* com su postura y disposición; en el *timbre*, *ornamentos exteriores* y *modo* de blasonarles por orden y com términos próprios del Arte”.

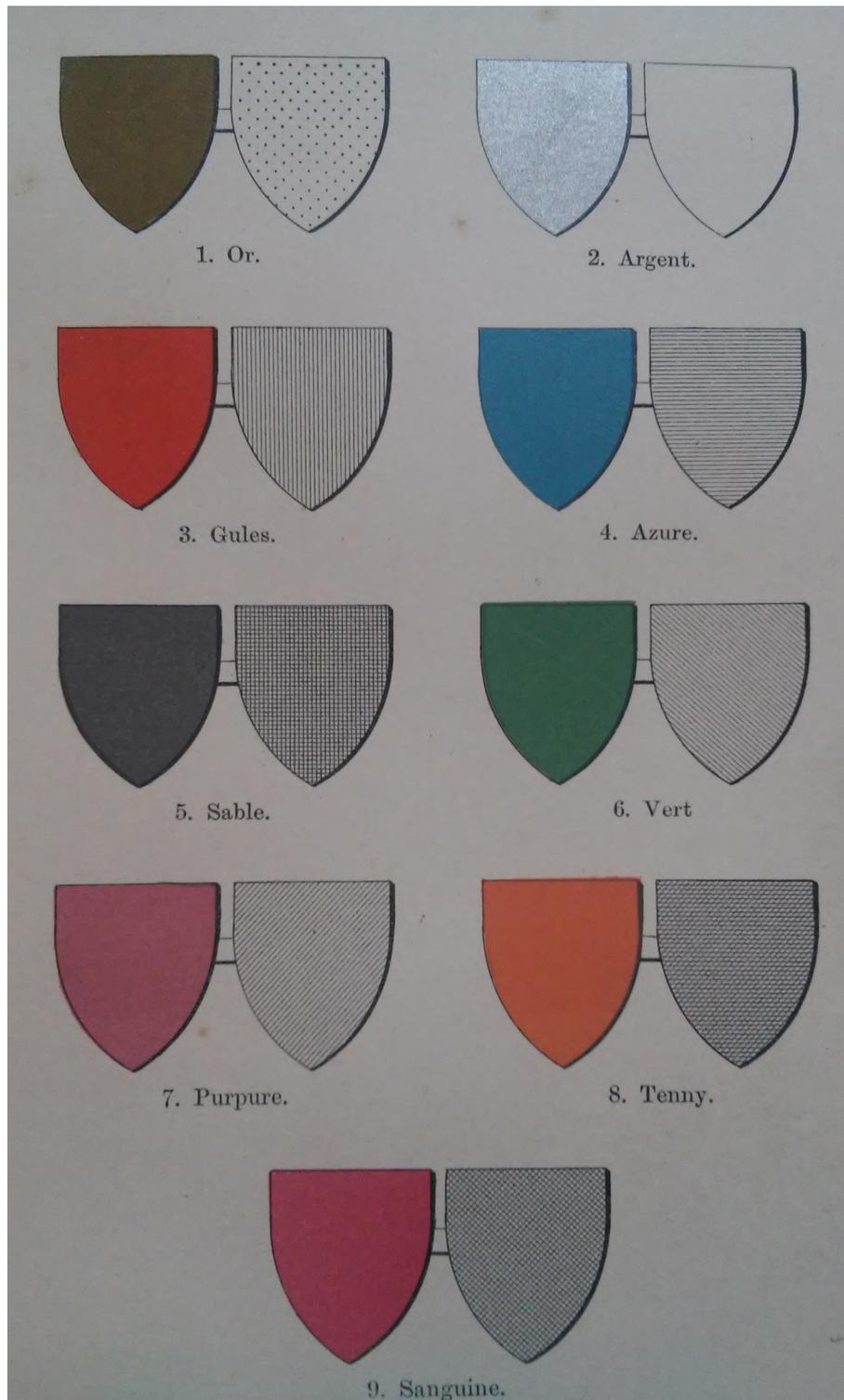
8 O Escudo é definido como sendo “o campo onde estão apresentadas as armas”.

9 Os esmaltes serão estudados de forma mais detalhada no corpo do presente estudo. Não obstante, vale estabelecer desde logo quais os elementos que o compõe. Há três tipos de esmaltes aplicados à Heráldica: Metais, cores e forros.

10 As figuras heráldicas são as peças que adornam internamente o escudo, ou seja, que estão contidas em seu campo.

Atualmente, tanto metais quanto cores são representados graficamente por cores. No entanto, tradicionalmente a ciência Heráldica faz uso de um método introduzido na primeira metade do século XVI pelo Padre Silvestre della Pietra Santa (CARRAFA, 1920, p. 33). Segundo este método, desenvolvido em um período em que gravuras coloridas em manuscritos eram raras, cada metal ou cor heráldica possuía uma representação gráfica específica: alguns eram representados por meio de pontos, outros por linhas, como nas imagens apresentadas por WOODWARD:

Imagem 01: Metais e cores segundo o método tradicional da Heráldica e seus correlatos



Fonte: WOODWARD, John. *A Treatise on Heraldry British and Foreign*. Edinburgh: W.A.K Johnston, 1896, plate III.

No desenvolvimento da presente pesquisa será utilizado o critério das cores e não a metodologia de Pietra Santa. A primeira razão é didática, pois as cores são empiricamente reconhecidas. O segundo motivo reside no fato de a própria obra



*Armorial Toison d'Or* ter sido confeccionada por meio da utilização de cores e não pelo método desenvolvido por Pietra Santa.

O *Armorial Toison d'Or* é composto por dois tipos de iluminuras: iluminuras de brasões como os acima revelados (em formato de escudo) e também por imagens de cavaleiros trajando vestes que representam seus brasões. Somente no caso das iluminuras dos cavaleiros e suas vestes é que se encontra a completa identificação dos nobres (por meio da descrição no início de cada página). Já no caso dos brasões que se apresentam em formato de escudos e alinhados um ao lado do outro, nem sempre é possível verificar tal descrição, seja pelo desgaste do livro seja pela inexistência da identificação. Por esse motivo, a análise da presente pesquisa dar-se-á a partir das iluminuras dos cavaleiros e não dos brasões em forma de escudo. Embora não possam ser úteis à análise quantitativa, as imagens dos brasões em formato de escudo que por vezes não se encontram identificados podem ser úteis e mais didáticas à compreensão dos elementos heráldicos, em especial dos esmaltes, como no seguinte caso:



azul onde repousam três flores-de-lis em metal ouro na sequência 2 e 1 (alguns autores referem como sendo duas em chefe e uma em ponta). Assim, apresenta dois esmaltes, um metal ouro e uma cor azul, além da figura heráldica Flor-de-Lis.

Para um melhor entendimento, revela-se o escudo da imagem 02 – do Rei da França - agora representado na forma de um cavaleiro, pelo mesmo *Armorial Toison d'Or* 'Or:

Imagem 03: O Brasão do Rei da França na figura de um Cavaleiro  
no *Armorial Toison d'Or*



Fonte: Armorial Equestre, 1430-1461, p. 107. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55009806h/f1.image>>.

No caso do brasão do Rei da França sob a forma de iluminura de um cavaleiro, caberá a verificação da presença de metais e cores heráldicas. Assim, no caso do brasão da família Bourbon da realeza francesa<sup>11</sup> (RIETSTAP, 1884, p.269), a contagem a ser realizada para efeitos desta pesquisa é a presença de um metal ouro e uma cor azul.

Note-se que o elemento forro representando o verso da vestimenta no elemento arminho de cor negra e no campo de metal prata (cor branca) não é referência natural do brasão do Rei da França (RIETSTAP, 1884, p. 269), e por isso não foi incluído no recorte deste estudo. Na verdade, os forros nas imagens do *Armorial Toison d'Or* apresentam-se como adornos que foram inseridos a critério do criador das iluminuras e, portanto, não constituem elementos próprios dos escudos analisados.

### 3. Dos Metais, das Cores e da Representação

O estudo prévio da questão teórica sobre a imagem como documento, dos conceitos da ciência Heráldica e do recorte acerca dos elementos do brasão permitem avançar na verificação da relação entre brasão e representação. Em primeiro lugar, deve-se estabelecer quais são os metais identificados e utilizados pela ciência dos brasões. Segundo WOODWARD (1896, p.66): “Os metais são o *Or*, que é o ouro [...]; e *Argent*, que é a prata; esses metais são usualmente representados, respectivamente, pelas cores amarela e branca [...]”.<sup>12</sup> Assim, ao identificar-se a cor amarela no *Armorial Toison d'Or*, essa cor corresponderá ao metal Ouro e, a cor branca, ao metal Prata.

Já as cores contidas em um brasão são basicamente cinco (WOODWARD, 1896, p. 66): “[...] o vermelho, também conhecido como *gules*; o azul, conhecido como *azure*; o negro, como *sable*; o verde, como *vert*; púrpura, como *purpure*.”<sup>13</sup> A cor verde também é conhecida como *sinople*. Outras cores são registradas, como a *tenné ou tenny* ou a *sanguine*, mas são extremamente raras, e nem mesmo constam na obra *Armorial Toison d'Or* e, por essa razão, estão excluídas da presente pesquisa. Apenas os metais ouro e prata e as cores vermelho, azul, verde, negra e púrpura são objetos de análise na presente pesquisa.

---

11 Existem outros ramos da família Bourbon que apresentam seus próprios escudos.

12 Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “The metals are *Or*, that is gold [...]; and *Argent*, that is silver [...]; these are often represented by the colours yellow and white [...]”.

13 Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “[...] red, known as *gules*; blue, known as *azure*, black, as *sable*; green, as *vert*; purple, as *purpure* [...]”.

O estudo etimológico já realizado permite compreender a relação intrínseca entre os termos 'brasão', 'heráldica' e 'arauto' e o ato de proclamar as virtudes de determinados cavaleiros ou famílias. A análise das virtudes e dos metais e cores como seus correspondentes será feita nos capítulos subsequentes, mas destaca-se que o brasão é construído por normas rígidas para proclamar certos valores. E essa construção se dá por meio dos elementos que o compõem, inclusive os esmaltes.

Portanto, os metais e cores devem ser verificados no campo da ciência histórica a partir do conceito de representação, especialmente no que diz respeito às definições de MARIN e SCHMITT. Na verdade, a própria origem etimológica da palavra 'heráldica' aproxima-se do conceito de representação. Na definição de MARIN (1994, p. 342)<sup>14</sup>:

[...] No dicionário [...] "representar" significa antes de tudo substituir qualquer coisa do presente por qualquer coisa ausente (isto é, diga-se de passagem, a estrutura mais geral do *signo*). Esta substituição é, como sabemos, regulada por uma economia mimética, a similaridade postulada do presente e do ausente autorizando esta substituição. Mas, por outro lado, representar significa mostrar, exibir qualquer coisa do presente. Isto é, o próprio ato de apresentar constrói a identidade e isto é representar, é o que o identifica como tal. Por um lado, portanto, uma operação mimética entre presença e ausência permite o funcionamento e autoriza a função do presente no lugar do ausente.

Desta forma, o arauto – termo do qual deriva o termo 'heráldica' – tem justamente a função de anunciar, de proclamar, de trazer ao presente as virtudes daquela família ou daquele indivíduo que porta o brasão. O próprio vocábulo 'brasão' indica 'publicação'. E, nesse sentido, publicar implica fazer presente certos valores que se expressam por meio de metais e cores contidos no escudo. O brasão, portanto, traz à presença daqueles que o observam virtudes que, até aquele momento, aparentavam verdadeira ausência.

Não obstante, há outro aspecto defendido por MARIN que também é fundamental ao estudo da representação em heráldica. Os elementos contidos no escudo não possuem somente a função de apresentar as virtudes àqueles que o observam, mas

---

14 Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “[...] dans le Dictionnaire [...]: 'représenter' signifie d’abord substituer quelque chose de présent à quelque chose d’absent (ce qui est, pour le dire en passant, la structure la plus générale d’un signe). Cette substitution est, on le sait, réglée par une économie mimétique, la similarité postulée du présent et de l’absent autorisant cette substitution. Mais, par ailleurs, représenter signifie montrer, exhiber quelque chose de présent. C’est alors l’acte même de présenter qui construit l’identité de ce qui est représenté, qui l’identifie comme tel. D’un côté donc, une opération mimétique entre présence et absence permet le fonctionnement et autorise la fonction de présent à la place de l’absent.”.



também determinam uma identidade entre estas virtudes representadas e a família, ou indivíduo que ostentam o brasão. Assim afirma MARIN (1994, p. 343)<sup>15</sup> sobre a representação:

De outro lado, é uma operação especulativa, uma autorepresentação que constitui uma identidade e uma propriedade dando-lhe um valor legítimo. Em outras palavras, representar significa apresentar representando qualquer coisa. Toda representação, todo signo representacional, todo processo de significação compreende, assim, duas dimensões que eu costumo chamar, a primeira, reflexiva – apresentar-se – e, a segunda, transitiva - representar qualquer coisa; duas dimensões que dificilmente são diferentes do que a semântica e a pragmática contemporânea conceituaram como a opacidade e transparência do signo representacional.

De forma semelhante opera-se a representação heráldica em um brasão, informando um duplo sentido: há um sentido reflexivo e um transitivo. O primeiro apresenta as virtudes militares expressas nos metais e cores, trazendo ao presente tais virtudes; o segundo estabelece a identidade entre as virtudes representadas e aquela família ou indivíduo que porta o brasão. Por essa razão cada brasão é único e vinculado a uma família ou indivíduo específico.

Não obstante, há um aspecto complementar sobre a questão imaterial presente na própria imagem. Ela desperta a imaginação e ganha forma na memória da pessoa que a observa, como explica SCHMITT (2007, p.12):

[...] mas o termo 'imagem' concerne também ao domínio do imaterial, e mais precisamente da imaginação. Não é necessário ver a representação material de uma cidade para imaginá-la. Logo ao ser nomeada meu pensamento lhe dará uma forma e guardarei uma certa imagem em minha memória. Posso assim sonhar com certa cidade, conhecendo-a realmente ou não [...]

---

15 Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “De l’autre, c’est une opération spectaculaire, une auto-représentation qui consitue une identité et une propriété en lui donnant une valeur légitime. En d’autres termes, représenter signifie se présenter représentant quelque chose. Toute représentation, tout signe représentationnel, tout procès de signification comprend ainsi deux dimensions que j’ai coutume de nommer, la première, réflexive – se présenter – et la seconde, transitive – représenter quelque chose -; deux dimensions que ne sont guère éloignées de ce que la sémantique et la pragmatique contemporaines ont conceptualisé comme l’opacité et la transparence du signe représentationnel.”

Além da presença reflexiva e transitiva, o elemento imaterial indica uma relação entre o brasão e seus valores com o arauto. Segundo a teoria de SCHMITT nem mesmo seria necessário que alguém observasse pessoalmente as armas de um cavaleiro, pois a mera proclamação de um brasão feita pelo arauto conduziria o ouvinte a trazer presente as virtudes representadas pelos diversos elementos contidos no escudo, como metais e cores.

No entanto, para perceber os caminhos pelos quais essas imagens guiavam a imaginação medieval, faz-se necessário compreender parte da filosofia medieval. Isso porque os caminhos medievais não são os mesmos percorridos por uma mente moderna ou contemporânea, como ensina SCHMITT (2007, p. 13): “qualquer que seja hoje para nós a importância das imagens e de nossa `civilização da imagem`, parece-me que não se iguala à da *imago* na civilização medieval. Com efeito, a *imago* é o fundamento da antropologia crista.” Especialmente os metais e cores podem ser “concebidos como indícios de realidades invisíveis que transcendem as possibilidades do olhar” (SCHMITT, 2007, p. 14). Portanto, a imagem medieval traduz mais uma epifania não relativa a bens materiais, mas sim imateriais.

Desta forma, a representação contida nos brasões da cavalaria medieval são verdadeiras alegorias das virtudes militares da alma e não da matéria. O próprio filósofo Ramon Llull (2010, p. 31) indica qual a verdadeira qualidade das virtudes contidas no ofício da cavalaria: “[...] assim justiça, sabedoria, caridade, lealdade, verdade, humildade, [...] e as outras virtudes semelhantes a estas pertencem ao cavaleiro quanto à alma”. Na verdade, trata-se de contrapor o tangível e o intangível. Observe-se, portanto, a seguinte iluminura:

Imagem 04: O Brasão do Conde de Flandres na figura de um Cavaleiro no *Armorial Toison d'Or*



Fonte: Armorial Equestre, 1430-1461, p. 153. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55009806h/f1.image>.

O brasão do Conde de Flandres retratada na iluminura do *Armorial Toison d'Or* apresenta um campo em metal ouro onde repousa um leão *sable*<sup>16</sup> em posição *rampant*<sup>17</sup>

16 Em heráldica, o termo utilizado para designar a cor negra.

17 Termo próprio da ciência heráldica utilizado para designar: “[...] a posição mais comum, por se acreditar ser a mais natural de um leão. Ele significa 'erguido', mas com a pata posterior sinistra e a pata dianteira sinistra mais baixas, respectivamente, do que as patas destras.” Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “[...] is the one most common, as it was thought to be the most natural for the lion. It signifies rearing, but with the sinister hinder leg and the sinister fore leg lower than the two dexter legs respectively”.

(PARKER, 1894, p.373), *armé*<sup>18</sup> (RIETSTAP, 1884, p.14) e *lampassé*<sup>19</sup> (RIETSTAP, 1884, p.25) em *gules*<sup>20</sup>.

Desse modo, o brasão acima apresenta três esmaltes: o metal ouro do campo, a cor negra que preenche o corpo do leão e a cor vermelha que compõe a língua e as unhas do animal. O metal ouro, representado pela cor amarela, não indica a riqueza material do Conde de Flandres propriamente dita, mas traduz um efeito reflexivo – traz ao presente por meio da cor amarela do metal ouro diversos aspectos da virtude imaterial, isto é, a fé, a nobreza, o poder (CARRAFFA, 1920, p.36). Também apresenta um efeito transitivo – estabelecendo uma identificação entre essa fé e nobreza e o Conde de Flandres. As cores vermelha e negra que completam o leão<sup>21</sup> revelam aspectos tanto da virtude religiosa - a caridade e a prudência (ABBOTT, 1897, p.21) - quanto dos valores do combatente - como a vitória pelo sangue e a morte. Todos esses elementos, seja como for, são valores imateriais trazidos à presença do observador e, agora, reconhecidas como virtudes da linhagem de Flandres. Para efeitos da pesquisa quantitativa, para esta iluminura, a contagem seria de uma cor vermelha, uma cor negra e um metal ouro – cor amarela.

É importante verificar, entretanto, que a percepção anteriormente anotada por LLULL é influência da filosofia grega clássica, especialmente a aristotélica. A concepção diferenciadora de bens da alma e bens do corpo utilizada pelo filósofo medieval é um dos pilares da ética de Aristóteles e, assim, são fundamentais para justificar a representação das virtudes na própria heráldica do período. Segundo a divisão de Aristóteles (2013, p. 52), existem três classes de elementos que se caracterizam como primeiros princípios:

[...] as coisas boas foram divididas em três classes, a saber, os bens externos de um lado, e bens da alma e do corpo de outro lado; dessas três classes de bens, consideramos ordinariamente como bons no sentido mais pleno e no mais elevado grau aqueles da alma.

---

18 Termo próprio da ciência heráldica, utilizado para designar: “[...] o esmalte das unhas dos animais selvagens e dos pássaros [...]”. Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “l’email des ongles des animaux sauvages et des oiseaux [...]”.

19 Termo próprio da ciência heráldica utilizado para designar: “[...] o esmalte da língua dos animais selvagens e principalmente do leão”. Traduzido por Diego Apellaniz Borba a partir do texto original: “[...] l’email de la langue des animaux sauvages et principalement du lion”.

20 Em heráldica, o termo utilizado para designar a cor vermelha.

21 Figura heráldica que certamente possui uma representação, mas mantém-se aqui a análise do recorte da pesquisa relacionado apenas aos metais e cores.

A ética aristotélica não somente estabelece a divisão entre os bens da alma, os bens externos e os bens do corpo, como também cria uma escala valorativa entre esses bens. Isto porque os bens exteriores, conforme a lógica aristotélica são instrumentos dos bens da alma, e não constituem fins em si mesmo.

Os bens exteriores, segundo a visão clássica que foi em parte resgatada pela filosofia medieval (ARISTÓTELES, 2009, p. 230): “têm seus limites, como tudo que é instrumento ou meio”. E como todos os instrumentos ou meios que acumulam-se em excesso (ARISTÓTELES, 2009, p.230), a superabundância dos bens externos seriam inúteis, ou até mesmo prejudiciais .

Não obstante, argumenta ARISTÓTELES (2009, p.230) que por meio dos bens exteriores não se pode adquirir ou conservar a virtude; mas através dos bens da alma, ao contrário, pode-se adquirir os bens exteriores, e o homem virtuoso o faria de forma moderada. Não se encontra a virtude nos que adquirem em superabundância esses bens, desprezando os valores da alma. Nesse sentido, apenas a abundância da virtude é permitida e celebrada.

Portanto, ARISTÓTELES (2009, p.231) estabelece que “para o homem não existe maior felicidade que a virtude e a razão, e que, ao mesmo tempo, por isso ele deve regular a sua conduta”. Esses são fundamentos teóricos que influenciaram LLULL, séculos após ARISTÓTELES, a afirmar que o ofício da cavalaria está alicerçado mais em virtudes da alma do que nas virtudes exteriores ou mesmo do corpo. O fundamento aristotélico, traduzido por LLULL, é o elemento que autoriza uma análise de representação das cores heráldicas não na perspectiva dos bens materiais, mas observando as virtudes dos bens da alma. E no Medievo, a esfera espiritual e moral era regida pelo cristianismo.

O cristianismo medieval foi responsável por estruturar o espaço europeu, criando redes próprias de locais e permeando as estruturas sociais (LE GOFF, 2011, p. 95). Nesse aspecto, sendo a cavalaria “a expressão mais característica do feudalismo” (LE GOFF, 2011, p. 93), também ela foi elemento permeado pela questão religiosa, incluindo aí a estruturação de suas virtudes militares e suas respectivas representações – como no caso dos Armoriais e seus brasões.

Dessa forma, é possível identificar a relação entre os armoriais medievais e sua necessária vinculação com as virtudes do cristianismo vigentes no período. O cavaleiro é, sem dúvida, parte do imaginário medieval, e talvez sua expressão máxima. Há,

portanto, também um componente religioso na constituição das virtudes militares da cavalaria medieval. O imaginário, segundo LE GOFF (2005, p. 78), é “[...] essa parte do sonho que, se deslindarmos bem suas relações complexas com as outras realidades históricas, nos introduz tão longe no âmago das sociedades”. Assim, seguindo a orientação desse historiador, faz-se necessário estudar a condição originária de *milites* da cavalaria, bem como a contribuição da alma religiosa medieval para esse corpo medieval. Desta forma, será possível compreender como esse encontro desenvolveu militarmente as virtudes no seio das Ordens de Cavalaria.

#### 4. Da Origem das Virtudes Militares das Ordens de Cavalaria

Durante os séculos X e XI a cavalaria era ainda considerada uma honorífica profissão de armas, não configurando-se um segmento específico da cultura do período, como afirma FLORI (2012, p. 73)<sup>22</sup>:

Há uma grande diversidade de origens e de novas sociedades no meio da cavalaria do Ocidente. São elas, então, uma classe? Eu tenho a tendência, por minha parte, a duvidar. Ela é, antes, uma profissão honrada e invejada, que a aristocracia tende a transformar em nobre corporação.

Assim, os termos “nobreza” e “cavalaria” nunca foram conceitos equivalentes. Na verdade, destaca FLORI (2005, p.123) que: “A cavalaria viu pouco a pouco seu brilho aumentar, atraindo a nobreza [...]”. O sistema apresentado por esse autor sobrepõe dois triângulos invertidos, que explica esta relação: Um triângulo representa os *milites* e o outro, invertido e sobreposto ao primeiro, representa a nobreza (FLORI, 2005, p.120). Assim, segundo ele, até meados do século XII a cavalaria estava mais ligada ao termo *milites* do que à própria nobreza (FLORI, 2012, p. 77):

Parece difícil, ao menos até o fim do século XII, sustentar ser a

---

22 Traduzido por Diego Apellaniz Borba do texto original: “Il y a donc une grande diversité d’origine et de niveaux sociaux dans la chevalerie d’Occident. Est-ce donc bien une classe? J’ai tendance, pour ma part, à en douter. C’est bien plutôt une profession honorable et enviée, que l’aristocratie tend à transformer en noble corporation.”.

cavalaria uma classe social, um estatuto jurídico, um estado ou uma ordem, a não ser a dos guerreiros, *ordo militum*, distintos dos camponeses, dos monges e dos clérigos pelo uso habitual, para não dizer profissional, das armas.<sup>23</sup>

Tais valores advindos da labuta militar dos homens de armas da cavalaria medieval, como a lealdade, coragem e honra seriam fundamentais na organização das ordens militares ainda no final do século XII, incluindo aí as Ordens Militares. Mas somente no fim do século XII e início do século XIII a cavalaria e a nobreza atingiram uma condição de equilíbrio, conforme ensina FLORI (2005, p.122):

A primeira metade do século XIII marca então um tipo de estado de equilíbrio entre nobreza e cavalaria. Os dois termos não são equivalentes, mas eles se aplicam muito frequentemente aos mesmos personagens.

Isso significa que os conceitos de “nobreza” e “cavalaria” continuam diversos, mas é estabelecida uma espécie de identificação ou campo comum. Antes do fim do século XII, conforme o sistema de triângulos de FLORI, nem todo cavaleiro era nobre, mas todo nobre um cavaleiro; já ao final do século XIV, nem todo nobre era cavaleiro, mas todo cavaleiro era nobre. Foi durante os séculos XII e XIII que o equilíbrio entre cavalaria e nobreza atingiu seu equilíbrio.

O cavaleiro é um guerreiro por excelência e suas virtudes, como veremos, permaneceram enraizadas nas ordens constituídas após o século XII. O historiador medievalista LE GOFF (2011, p.89) explica o surgimento desses valores: “Tendo em vista que o cavaleiro é antes de tudo um guerreiro, o que explica em grande parte o seu prestígio em uma sociedade na qual a guerra é onipresente.” Assim, fundem-se os valores guerreiros e nobres no período compreendido do final do século XII e início do século XIII. Exemplos destas virtudes identificáveis desta relação são a coragem, a honra e a lealdade oriundas daqueles guerreiros e o espírito de corpo, característica da nobreza. Os cavaleiros deste período reconheciam-se como nobres e, assim, desenvolvem a unidade no campo de batalha, ou a misericórdia nos torneios de justa em períodos de paz, segundo LE GOFF (2011, p. 79):

---

23 Traduzido por Diego Apellaniz Borba do texto original: “ Il semble alors difficile, jusqu’à la fin du XII siècle au moins, de tenir la chevalerie pour une classe sociale, un statut juridique, un état ou un ordre, sinon celui des guerriers, *ordo militum*, distingué de celui des paysans, des moines et des clercs par l’usage habituel, pour ne pas dire professionnel, des armes”.

Os cavaleiros conduzem assim sua própria guerra em meio às guerras. Na paz, eles a prolongam e a preparam nas justas e torneios. Em ambos, o combate é um risco (limitado) do ofício, um esporte perigoso e um prazer assustador. Uma atividade perigosa e lúdica, cujo objetivo é vencer mais que matar, capturar e pedir resgate do adversário mais que aniquilá-lo.

Embora a questão do resgate faça-se presente como aspecto econômico, é inegável o surgimento do espírito e sentido de corpo e lealdade entre os nobres. Um valor tipicamente coletivo e militar de autopreservação. Grande parte dos nobres possuíam familiares combatentes e preferiam o pagamento de resgates a vê-los mortos em batalha. Esse espírito coletivo de lealdade, de autopreservação e mútua assistência acaba introjetado na instituição das Ordens de Cavalaria do século XII, conforme ocorre a aproximação entre cavalaria e nobreza.

Assim como o pensamento medieval é, em regra, permeado por elementos de fé, também tais ideais influenciam esse grupo mais restrito presente no âmbito da corte e da nobreza, e a cavalaria acaba por incorporar várias noções relativas à fé cristã (HUIZINGA, 2013, p. 97). De fato, o cristianismo permeou boa parte da formação da cavalaria no período medieval. Conforme LE GOFF (2011, p. 92), a cristianização desses cavaleiros foi referendada pela constante referência a santos que ocupavam posição de destaque na hagiografia medieval e que, usualmente, eram designados como padroeiros das Ordens de Cavalaria. Como será visto do último capítulo, a questão religiosa influenciou na escolha do nome da Ordem de Cavalaria que deu origem ao Armorial objeto de estudo – *Toison d'Or*, ou Tosão de Ouro

A inclusão da doutrina religiosa no seio da cavalaria também pode ser explicada, em parte, pelo papel desempenhado pelas instituições católicas na transmissão do conhecimento durante o período medieval. A Igreja Católica apresentava-se como a principal detentora do conhecimento e os nobres cavaleiros (LEMOS, 2008, pp. 205-206):

[...] dispunham de uma educação complementar cujo objetivo era ensinar-lhes os valores peculiares à vida do guerreiro: a instrução cavaleiresca, com aprendizado prático, já que não havia escolas especializadas nem livros específicos sobre o tema [...] A Igreja buscou [...] influenciar a vida dos medievos além do âmbito religioso.

Uma das esferas almeçadas era uma Ordem reconhecidamente laica, a cavalaria.

Nesse contexto, em que a Igreja apresenta-se como responsável pela transmissão do conhecimento, surge um filósofo medieval que desenvolveria importantes teorias teológicas sobre a vida militar e religiosa: São Tomás de Aquino. Esse prodigioso pensador tomou o hábito dominicano aos dezenove anos e dedicou-se ao serviço do ensino em várias partes da Europa, sendo autor de obras que influenciaram o pensamento medieval (LE GOFF, 2013, pp. 250-251) e, especialmente, era defensor da teoria da “guerra justa”. COSTA e SANTOS (2010, p. 152) comentam a Suma Teológica de Aquino, afirmando que:

A questão 40 (II-IIae) é dedicada à guerra. Esta, segundo Santo Tomás, *não é um mal em si*; ela pode ser boa – até santa – e também pode ser má. Tudo depende da finalidade a que se ordena e depende, igualmente, do modo como é conduzida.

AQUINO compreendia que o exercício da vida militar podia ser santificado em razão da dedicação religiosa praticada sob uma regra aprovada pela Igreja, de modo que houvesse uma perfeita simbiose entre a vida militar da cavalaria e a vida religiosa de um monge com votos. Nessa ótica, o próprio exercício das virtudes militares predispunha um cavaleiro à prática das virtudes da santidade cristã (COSTA e SANTOS, 2010, p.146):

Uma pessoa habituada a praticar, por amor a sua pátria, as virtudes naturais próprias da vida militar, tais como a fortaleza, o senso do dever, a disciplina, o amor à hierarquia, a capacidade de dedicação e, se preciso, o sacrifício heroico, em prol das grandes causas, poderá passar a praticar análogas virtudes na ordem sobrenatural, por amor de Deus, mais facilmente (do ponto de vista psicológico) do que outra pessoa que não tenha o hábito natural delas.

Não obstante exista a suposição de que o Cristianismo tenha nascido como uma religião doutrinariamente pacifista e que somente ao longo do tempo desenvolveria seu espírito bélico, a condição militar sempre foi bem aceita no seio da Igreja (COSTA e

SANTOS, 2010, p.147), especialmente porque “A Igreja não ensinou – nem poderia ensinar – o pacifismo às culturas bárbaras que, após as grandes invasões do século V, se mesclaram à cultura romana (também bastante violenta)” (COSTA e SANTOS, 2010, p. 147). Na verdade foi a própria Igreja que ensinou àqueles povos o ideal da “guerra justa”, difundindo o ideal do guerreiro cristão por meio da Cavalaria (COSTA e SANTOS, 2010, p.147). De fato, COSTA e SANTOS (2010, p.148) anotam que se a condição militar fosse incompatível com as virtudes e com a vida militar medieval, não haveria tantos Santos guerreiros.

Dessa forma, as Ordens Militares de Cavalaria sob a influência religiosa, especialmente as desenvolvidas a partir do século XI, ocupam um duplo papel naquele contexto. Ao mesmo tempo que defendiam a fé cristã no Oriente exercendo as virtudes militares e religiosas, as Ordens de Cavalaria também representavam o controle da brutalidade por meio do pensamento filosófico-religioso. Vale lembrar que o surgimento dos grupos de *milites*<sup>24</sup> (FLORI, 2005, p.19) deu-se sob um clima de suspeita, tendo em vista que os guerreiros do período anterior ao século XI não constituíam um corpo militar único – o que só ocorreria um século mais tarde com a aproximação entre cavalaria e nobreza. Também, não eram disciplinados e muitas vezes praticavam ataques a cidades e igrejas. Mesmo aqueles que se abstinham de tais ações, eram por vezes confundidos com ladrões e saqueadores, tamanho o clima de suspeição que pairava sobre os *milites*.

A desconfiança fez surgir um movimento de pacificação, por volta no ano 1000, visando impor limites à brutalidade dos guerreiros e submetê-los a certa disciplina (LE GOFF, 2011, p. 90). Assim, a “guerra justa” deveria ser travada conforme a doutrina religiosa e seguindo os preceitos de determinadas virtudes e regras específicas.

Foi no contexto da necessidade de amparo e proteção a peregrinos, de intervenção religiosa para impor disciplina às ações e de difusão do conceito de “guerra justa”, que surgem e desenvolvem-se as Ordens Militares, tanto as religiosas quanto as leigas. A Ordens de Cavalaria leigas, de onde originou-se o Armorial *Toison d’Or* também foram, assim, influenciadas pela doutrina cristã. Desta forma, são instaladas e se fortalecem as virtudes da fé, da disciplina e da *caritas* de cunho religioso no seio

---

24 “O uso comum do termo ‘milites’ é, em compensação, especificamente ligado ao uso das armas. Da época romana até meados do século XI, às vezes mais tarde ainda, ele designa muito claramente os guerreiros em seu conjunto, os soldados”.



dessa cavalaria nobre e que, certamente, estariam representadas nos brasões de famílias e cavaleiros, como será visto.

Assim fundaram-se os valores da cavalaria das Ordens de Cavalaria do período medieval, oriundas da herança guerreira dos antigos combatentes – coragem e lealdade -, dos valores contidos na própria nobreza – espírito de corpo, autoridade e poder -, e da caridade, da fé, da esperança e temperança, determinadas pela filosofia cristã.

Então, a cavalaria consegue combinar - especialmente durante a baixa Idade Média - o caráter aristocrático e o ritualismo religioso com outras instituições, inclusive monárquicas (LE GOFF, 2011, p. 93). A incorporação das doutrinas cristãs passa a ser ensinada, de modo prático, quando os jovens nobres se tornavam escudeiros a serviço de nobres ou clérigos mais experientes. A cavalaria medieval, entre elas a leiga, começa a constituir seus próprios valores, que estarão representados nos mais diversos elementos dos brasões – inclusive em seus metais e cores.

## **5. Dos Metais e Cores Heráldicos no Armorial *Toison d'Or***

O estudo dos conceitos teóricos sobre heráldica e representação, bem como a história da formação das Ordens de Cavalaria e seus valores, são pedras fundamentais que sustentam a análise que se segue. No presente capítulo serão demonstrados os gráficos estatísticos relativos à presença das cores e metais no *Armorial Toison d'Or*, bem como verificar-se-á quais os valores que eles representam.

Entre outros historiadores, LE GOFF (2011, 96) defende que existem dois importantes marcos na história da cavalaria entre os séculos XII e XV. O primeiro deles é o surgimento das ordens religiosas militares, os Cavaleiros de Cristo. O outro marco relevante na história das Ordens de Cavalaria, destacado por LE GOFF (2011, p. 98), é a criação das condecorações, nos séculos XIV e XV:

O outro avatar da história da cavalaria é a criação de condecorações nos séculos XIV e XV pelos reis e príncipes. Essas insígnias são atribuídas ao bel-prazer destes últimos a personagens laicas que eles desejam distinguir ao associar-se a si mesmos. Alfonso de Castela funda em 1330 a primeira ordem secular de cavalaria; Eduardo III da Inglaterra cria em 1348 a famosa Ordem da Jarreteira; João, o Bom inaugura em 1351 a Ordem da Estrela. No século XV, a mais célebre criação é a Ordem do Tosão de Ouro pelo duque de Borgonha Filipe, o Bom, em 1430.

De fato, HUIZINGA (2015, p. 134) afirma que: “[...] a criação de ordens equestres acabou se tornando uma verdadeira moda em meados do século XVI. Cada soberano tinha de ter a sua ordem [...]”. O *Armorial Equestre Toison d’Or* é uma expressão desse último marco relacionado por LE GOFF e HUIZINGA, pois o manuscrito apresenta os brasões dos nobres pertencentes à Ordem de Cavalaria *Toison d’Or* – uma Ordem de Cavalaria leiga. Trata-se de um manuscrito elaborado na França entre os anos de 1429 d.C. e 1461 d.C. que contém diversas iluminuras dos membros dessa Ordem de Cavalaria, que incluía nobres, príncipes e reis das mais diversas regiões europeias.

Apesar de leiga, o elemento religioso que permeava grande parte da vida medieval também influenciou na escolha do nome desta Ordem. Segundo HUIZINGA (2015, pp.133-134), foi o próprio Duque Filipe de Borgonha que constituiu a Ordem Equestre *Toison d’Or*. O símbolo do Tosão de Ouro – *Toison d’Or* - possui diversas referências literárias e por isso é difícil afirmar com precisão a origem do nome desta Ordem. Segundo HUIZINGA (2015, p. 138) o Tosão de Ouro remete inicialmente à lenda de Jasão e seus argonautas. No entanto, há também o tosão que Gedeão estendeu e sobre o qual repousava o orvalho celestial e que seria um símbolo, para o período, mais adequado da fecundação do ventre da Virgem Maria. HUIZINGA (2015, p.139) refere ainda que o tosão surge nas Santas Escrituras de Jacó, do rei Mesa de Moab, de Jó e de Davi.

O Armorial que representa essa Ordem é uma obra que contém dois tipos de iluminuras: (1) cavaleiros, devidamente identificados, montados em seus cavalos e trajados com vestes que apresentam as cores de seus brasões; (2) escudos isoladamente, que incluem apenas parcialmente a identificação dos nobres cavaleiros a que pertencem. A amostragem da presente pesquisa terá como base inicial essas 80 iluminuras dos cavaleiros trajados com as vestes que representam seus brasões, uma vez que todas essas iluminuras apresentam legendas manuscritas de identificação. Já os demais escudos não apresentam em sua totalidade as legendas de identificação e estão excluídos da amostragem.

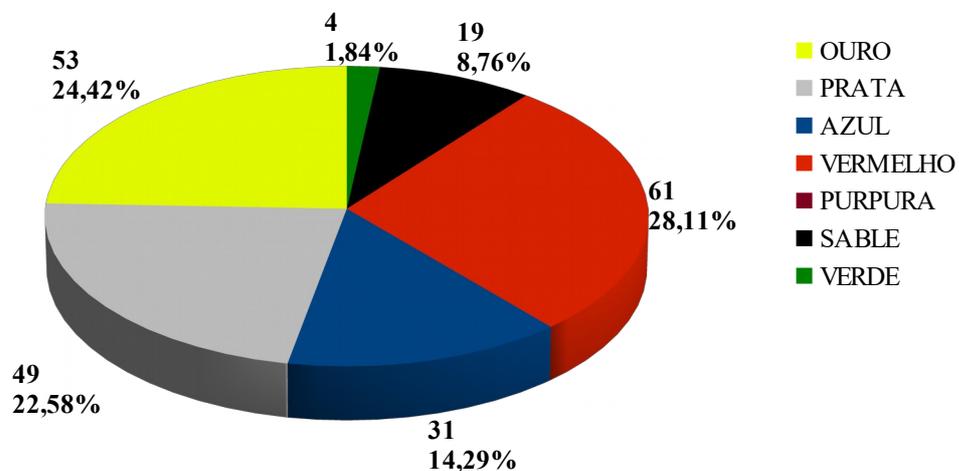
A amostragem de 80 iluminuras foi reduzida para 77 iluminuras, tendo em vista que três das 80 iluminuras pertenciam aos mesmos nobres e eram semelhantes em seus

metais e cores. Desta forma, repetiam-se as seguintes iluminuras: do Duque de Borgonha (ilum. 51r e 57v); do Duque da Normandia (ilum. 52r e 64r) e do Duque de Flandres (ilum. 52v e 70v). Adotou-se aqui o critério da precedência e foram excluídas as iluminuras 57v, 64r e 70v, pois semelhantes às iluminuras 51r, 52r e 52v, respectivamente.

O resultado da análise das 77 iluminuras e suas cores e metais pode ser conferido a partir de dois gráficos. O primeiro refere-se ao percentual de presença de cores entre si. Isto é, nas iluminuras de amostragens foram verificadas por 216 vezes a presença de metais e cores - levando em consideração que na maioria das iluminuras (brasões) há a presença de mais de um metal ou cor. A relação de metais e cores entre si, levando em consideração a contagem de 216 está assim representada:

Gráfico 1

Presença de Metais e Cores Relativo ao Total de 216 Contagens registrados em 77 Iluminuras:



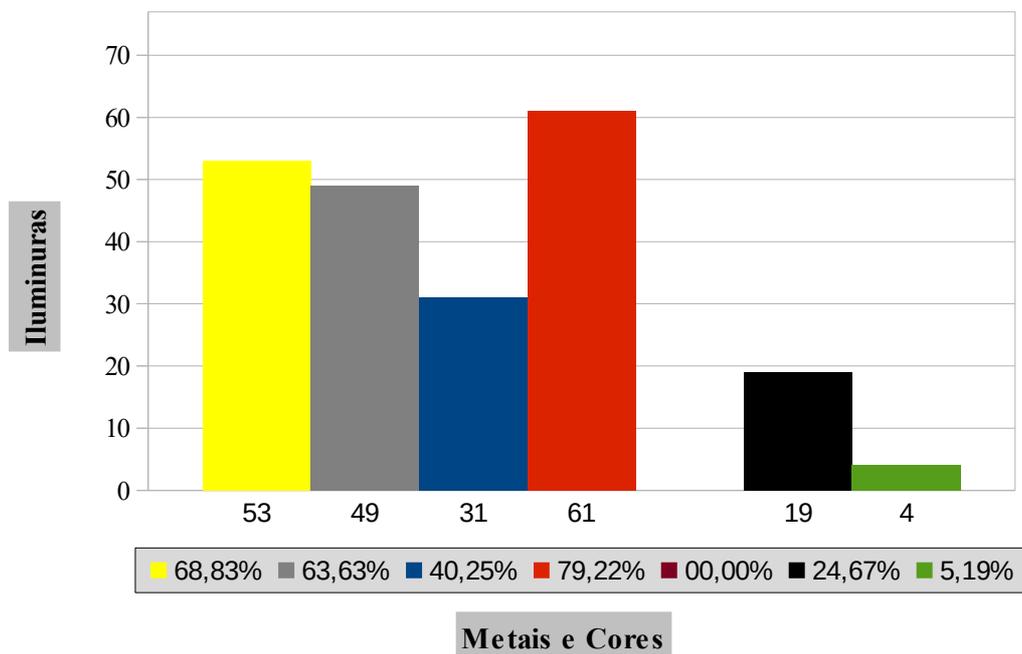
É possível perceber que dois metais e a cor vermelha aparecem em destaque neste armorial. A cor vermelha apresenta 61 das 216 contagens. Isso representa 28,11% das contagens de cores e metais e faz dela a primeira em presença nas amostragens. Ela é seguida pelo metal ouro, com 24,42%; do metal prata, com 22,58%; da cor azul, com 14,29%; da cor negra, com 8,76%; da cor verde, com 1,84% e da cor púrpura que não

registrou contagens. A cor vermelha representa praticamente o dobro de presenças da cor azul, a quarta colocada no *ranking* de relação.

Já o gráfico seguinte refere-se à presença de metais e cores em relação às 77 iluminuras:

Gráfico 2

**Metais e Cores Presentes nas 77 Iluminuras:**



O gráfico acima demonstra que a cor vermelha está presente em 61 das 77 iluminuras. Isto significa que 79,22% das iluminuras analisadas do *Armorial Toison d'Or* contêm a cor vermelha. A cor vermelha lidera a presença entre metais e cores, com uma diferença de mais de 10% para o metal ouro, segundo item que mais está representado no Armorial com 68,83% de presença. Ainda, a cor vermelha aproxima-se do dobro de aparições quando cotejada com a cor azul, com 40,25%, e supera três vezes a presença da cor negra, que aparece em 24,67% nas iluminuras da obra analisada.

Já o metal prata está presente em 49 das 77 iluminuras, o que representa 63,63% da iluminuras. A cor verde aparece em apenas 4 das 77 iluminuras, o que corresponde a 5,19%. A cor púrpura, como dito, não aparece em nenhuma das imagens.

O destaque conferido a determinadas cores deve ser verificado à luz do renascimento do século XII, que estaria em pleno desenvolvimento no século XV, quando da criação do Armorial *Toison d'Or*. Na verdade é possível que a gravação de brasões tenha sido influenciada durante este renascimento cultural. E, sendo o patrocínio cultural intermediado pela Igreja (DUBY, 2011, p. 177), é válido concluir que os brasões se estabeleceram – ou foram adaptados - dentro dos limites e segundo as definições de virtudes daqueles que patrocinavam as obras e armoriais. Portanto, durante o século XV ainda espelhariam as mesmas regras e os valores militares dos nobres cavaleiros que patrocinavam as obras, ou mesmo dos religiosos que também desempenhavam o papel de patrocínio das obras no período.

Diversas são as fontes medievais disponíveis e que indicam quais são esses valores e virtudes, especialmente as tidas como indispensáveis ao nobre cavaleiro medieval. Nesse sentido, cabe indagar se não haveria uma evidente correspondência entre os sete metais e cores heráldicos e as sete virtudes defendidas por LLULL (1283/2010, p. 89):

Todo cavaleiro deve conhecer as sete virtudes que são raiz e princípio de todos os bons costumes e são as vias e carreiras da celestial glória perdurável. Das quais sete virtudes são as três teologais e as quatro cardeais. As teologais são fé, esperança, caridade. As cardeais são justiça, prudência, fortaleza e temperança.

A comprovação de relação entre as sete virtudes descritas por LLULL e os metais e cores heráldicos depende de pesquisa a ser desenvolvida em outra oportunidade. Não obstante, nota-se que as três virtudes chamadas de teologais pelo filósofo medieval são as que mais se destacam no gráfico, sendo, segundo ABBOTT (1897, p.21), a *caritas* referente à cor vermelha (79,22%); a fé sendo representada pelo metal ouro (68,83%) e a esperança pelo metal prata (63,63%). As virtudes cardeais encontram-se em um patamar inferior: a cor azul representativa da justiça (40,25%); a cor negra, da prudência (24,67%); a cor verde, da fortaleza interior (5,19%) e a cor

púrpura relativa à temperança. Como será visto, as cores e metais não encerram apenas uma única interpretação, especialmente quando sua simbologia é interpretada à luz da rica cultura medieval.

De qualquer forma, independentemente da variedade de interpretações simbólicas, os valores militares e religiosos da nobre cavalaria apresentam-se no campo imaterial e nos limites desse aspecto devem ser interpretados. Pondera LLULL (1283/2010, p. 35): “Se a Cavalaria estivesse na força corporal mais que na força de coragem, seguir-se-ia que a Ordem de Cavalaria concordaria mais fortemente com o corpo que com a alma, e se assim fosse, o corpo teria mais nobreza que a alma”. Trata-se da contraposição entre tangível e intangível, entre material e imaterial.

Na verdade, essa concepção é um retorno ao mundo clássico, praticado por muitos filósofos do Medievo. Como visto, a diferenciação filosófica entre os bens da alma, os bens do corpo e os bens materiais são colunas que sustentam boa parte da filosofia aristotélica e são fundamentais para a compreensão das cores e metais como representação dos valores militares.

Segundo corrobora o franciscano Gilberto de Tournai (c.1200-1284), teólogo da Universidade de Paris, em sua Instrução dos Reis e dos Príncipes (1259/2008, p. 204): “As riquezas também não trazem honras. Com efeito, fazem que falte a honra celeste, que é a verdadeira honra, pois a terrena é enegrecida e falsa”. Há aqui, no período medieval o resgate da intangibilidade da virtude cujos destinatários são, para DUBY (2011, p. 176), não só os Reis, mas também os príncipes e nobres cavaleiros que buscam não apenas seguir e imitar seus soberanos, mas também servir-lhes de exemplo.

No mesmo sentido, estabelece AQUINO (1273/s.d., p.1302) na questão 62, a.1, de sua Suma Teológica 1-2: “As virtudes teologais não se chamam divinas, como significando que Deus seja virtuoso por elas; mas, no sentido em que por meio delas, Deus nos torna virtuosos e nos ordena para ele [...]”. Apenas a abundância da virtude dos bens da alma é permitida e celebrada, sendo os bens externos meros meios a serem empregados de forma moderada pelo fim virtuoso.

O fundamento aristotélico, traduzido no medievo por LLULL, AQUINO e TOURNAI, é o elemento que autoriza uma análise de representação das cores heráldicas não na perspectiva material, mas observando as virtudes dos bens da alma. Portanto, a representação dos brasões opera-se no campo aristotélico e medieval dos

imateriais bens da alma e coaduna-se com um conceito teórico de representação que busca efetivamente fazer presente o ausente.

Conforme estabelece MARIN (1994, p. 342), a representação constitui: “[...] uma operação mimética entre presença e ausência que permite o funcionamento e autoriza a função do presente no lugar do ausente”. Assim é o sentido brasão medieval: traz ao presente uma determinada virtude religiosa e militar.

Nesse sentido, o metal ouro traz ao presente a grandeza, o poder e a autoridade do cavaleiro (POLIANO, 1986, p.32) em 68,83% das iluminuras do Armorial *Toison d’Or*. Em batalha, a cor amarela resplandecente destacava esses valores e os apresentava aos que seguiam o cavaleiro na luta e, também, indicava aos seus inimigos a força, a fé e a pureza empregada por aquele cavaleiro em combate (MATTOS, 1941, p. 152). Em um sentido transitivo de representação todas essas qualidades passavam então a ser identificadas com o cavaleiro que lutava sob esse metal.

Já a nobreza da prata é expressa pela pureza (POLIANO, 1986, p.32) da cor branca, que representa esse metal em 63,63% das imagens do Armorial em estudo. O metal prata também representa lisura de ação (MATTOS, 1941, p. 152) do cavaleiro no campo de batalha, especialmente em relação aos seus inimigos, também nobres cavaleiros. Isso implica um certo regramento de ações em combate, inclusive no sentido de combater com honra, nunca utilizando táticas indignas e concedendo misericórdia ao cavaleiro vencido. Outro elemento, referido por ABBOTT (1897, p. 21), é a esperança, que também é citada por LLULL – como visto anteriormente - como uma das virtudes teológicas.

A cor vermelha, por sua vez, é a mais presente no Armorial *Toison d’Or*, estando presente em 79,22% das iluminuras daquele armorial. Segundo ABBOTT (1897, p. 21), esta cor representa a *caritas* medieval, que certamente é um elemento de amplo aspecto e que vai muito além da própria noção monetária (LE GOFF, 2015, p. 246). No entanto, assim como a própria cultura medieval, a cor vermelha não se resume a apenas uma alegoria de representação. Esta cor também simboliza o valor e a intrepidez (MATTOS, 1941, p. 152). No mesmo sentido, a audácia (POLIANO, 1986, p. 32), a valentia e a vitória pelo sangue (CARRAFA, 1920, p.37) também são representadas pela cor vermelha. O sentido reflexivo da representação indica que o cavaleiro portador dessa cor resgatava do ausente todas as virtudes relacionadas à bravura, à audácia e à intrepidez, inspirando seus vassallos e incutindo temor aos adversários. Em sentido

transitivo, todos identificariam que aquele cavaleiro portador da cor vermelha, que se destacava inclusive visualmente, era o autor dos feitos intrépidos em campo de batalha. Talvez a importância medieval conferida à *caritas*, somada ao destaque visual da cor vermelha e sua simbologia relacionada a atos de bravura em batalha, ajudem a compreender o porquê do destaque dessa cor no Armorial *Toison d'Or*.

Uma estratégia militar semelhante seria utilizada repetidas vezes nos campos de batalha através dos diversos períodos históricos, até pelo menos o início do século XX durante os combates aéreos da Primeira Guerra Mundial. Sem risco de anacronismo, apenas como uma forma didática, vale lembrar como aviadores da Primeira Guerra Mundial personalizavam seus aviões com cores na tentativa de causar medo em seus inimigos, ao mesmo tempo em que por meio delas eram identificados como os responsáveis pelos seus feitos de bravura em combate - sendo o mais célebre deles o aviador alemão Barão Manfred von Richthofen (1892-1918), conhecido como o Barão Vermelho.

A cor azul, presente em 40,25% das iluminuras do Armorial em análise, remete à virtude militar da justiça e da lealdade (CARRAFA, 1920, p. 38). O autor MATTOS (1941, p. 150) refere que aqueles que portavam a cor azul estavam obrigados a defender os fiéis do rei. Portanto, em um sentido transitivo a cor azul indicava aos vassalos e servos que o cavaleiro que trazia esta cor atuaria como seu protetor e defensor, pessoa junto à qual sempre encontrariam abrigo.

A prudência (ABBOTT, 1897, p.21), a humildade e a modéstia (MATTOS, 1941, p. 152) estão representadas nos 24,67% de presença da cor negra nas imagens do Armorial *Toison d'Or*. A prudência, necessária em uma batalha para evitar perigos e armadilhas, depositava maior segurança ao comando do cavaleiro que portava a cor negra. Isto é, os que seguiam o cavaleiro em combate – ao avistar a cor negra – saberiam não se tratar de um comandante temerário, que lhes levaria ao risco desnecessariamente. Da mesma forma, a cor negra representa a morte (CARRAFA, 1920, p.40), que em sentido transitivo indicava aos adversários que sua ruína havia chegado ao campo de batalha.

A cor verde surge em 5,19% das iluminuras do Armorial estudado, representando a juventude e a alegria de espírito (POLIANO, 1986, p. 32). Essa indicação de vitalidade (ABBOTT, 1897, p. 21) indicava um cavaleiro disposto ao combate, o que incentivava seus comandados e desmobilizava seus oponentes.

A cor púrpura representa, segundo POLIANO (1986, p. 32), a dignidade. Entretanto, outros autores relacionam a cor com a temperança (ABBOTT, 1897, p. 21). Há, ainda, aqueles que relacionam o púrpura com a devoção (CARRAFA, 1920, p. 41) e com a obrigação de defesa dos eclesiásticos e religiosos (MATTOS, 1941, p. 152). A cor púrpura não apresenta contagens nas amostras do Armorial *Toison d'Or*. As hipóteses são diversas para esse fato. A falta de emprego da cor em brasões anteriores ao século XVI seria uma das hipóteses. Segundo CARRAFA (1920, p. 40), mesmo nos armoriais elaborados durante o século XVI esta cor é escassa, sendo praticamente inexistente em datas antecedentes. Desta forma, sendo o armorial *Toison d'Or* oriundo do século XV, é natural que não apresente a púrpura. Ainda, conforme assevera o mesmo autor (CARRAFA, 1920, p.40), essa cor era mais comum em algumas regiões do que em outras e era destinada exclusivamente a reis e soberanos, bem como a sacerdotes. Durante a Antiguidade, mesmo os Imperadores Romanos utilizavam a cor púrpura apenas no momento de sua entrada triunfal, quando lhes era conferido um manto de cor púrpura para o ato. O armorial *Toison d'Or* é derivado de uma Ordem de Cavalaria homônima cujos integrantes possuíam origens em diversas regiões e em variados segmentos da nobreza, o que também pode explicar a ausência dessa cor, merecedora de destaque apenas em alguns territórios e entre os soberanos e sacerdotes.

Não obstante, destacam MAJOLO e VASQUES (2013, p.5) que a cor púrpura, durante a Idade Média, era “[...] originalmente a cor mais cara para uma roupa [...]”. A cor púrpura é composta de outras quatro cores (CARRAFA, 1920, p. 40), entre elas o azul e o vermelho. Por óbvio, o processo de obtenção dessa cor, que envolve o dispêndio de outras quatro, encarecia de forma considerável a confecção do brasão em tecido, e também das próprias ilustrações nos armoriais. No que diz respeito à raridade da cor púrpura utilizada em brasões, CARRAFA (1920, p. 40) afirma que ela era originalmente extraída de um pequeno peixe chamado Púrpura. Refutando a hipótese da cor como oriunda de uma concha, o autor assevera que esse peixe – que vive cerca de sete anos – libera uma espécie de pó oleoso quando é tocado. Segundo CARRAFA (1920, p.40), esse óleo era utilizado originalmente para tingir os tecidos e registro de pinturas.

Seja qual for a origem da cor púrpura, pode-se afirmar que sua disponibilidade durante o período medieval não era ampla. A raridade da cor possivelmente elevava os custos da confecção de uma vestimenta, de um quadro, de um brasão ou de uma



iluminura durante esse período, sendo fator que teria contribuído para a contagem zero apresentada no Armorial *Toison d'Or*.

## 7. CONCLUSÕES

O presente estudo foi edificado por meio da compreensão da imagem como documento e fonte histórica, bem como pela compreensão dos conceitos heráldicos. Esses foram os elementos de suporte para a análise entre a ciência heráldica e a representação, esta oriunda da História Cultural.

Dessa forma, foi possível estabelecer as virtudes militares contidas na história da formação cultural das Ordens de Cavalaria e estabelecer como esses valores culturais restaram expressos nos Armoriais do período do Medievo, especificamente no que diz respeito ao Armorial *Toison d'Or*.

O estudo dos gráficos elaborados com base na presença dos sete esmaltes básicos da heráldica (metais ouro e prata; e cores vermelha, azul, verde, negra e púrpura) sugerem que o ouro, a prata e a cor vermelha – e suas respectivas virtudes - apresentam maior destaque no pensamento medieval militar. As interpretações relativas às cores e metais não se resumem a um único aspecto da rica cultura medieval. No entanto, as alegorias constantemente remetem mais ao intangível do que ao tangível, ao mundo imaterial do que ao material.

De fato o pensamento dos milites, da nobreza e os ideais religiosos permearam boa parte da vida cultural do medievo no que diz respeito à cavalaria e, assim, estiveram presentes na formação das Ordens de Cavalaria e seus valores.

Os metais e cores, analisados como representação das virtudes militares das Ordens de Cavalaria, ocupam no Armorial *Toison d'Or* diversas funcionalidades. Inicialmente resgatam do ausente e trazem ao presente a virtude a que estão relacionados. Em consequência, indicam ao observador que o portador de determinada cor ou metal também é o detentor de determinadas virtudes militares, ocupando um triplo sentido transitivo: apresentava à Igreja a disposição daquele nobre cavaleiro a submeter-se aos preceitos das virtudes teológicas e imateriais estabelecidas pela autoridade religiosa; indicava aos vassalos e servos que seu suserano, um nobre



cavaleiro em combate, era portador das virtudes guerreiras e também atuava sob a chancela da autoridade da Igreja; e, por fim, aos seus inimigos em campo de batalha, os metais e cores também demonstravam que o cavaleiro portador do escudo era um guerreiro virtuoso, incutindo-lhes, portanto, temor e respeito.

A cultura medieval, como já foi dito mais de uma vez no presente trabalho, é ampla e as interpretações de cada esmalte não se encerram em um único caminho. Cada um dos metais e cores representam uma gama ampla dos aspectos culturais da vida no Medievo. Certamente aprofundar a relação das cores e metais com os valores das Ordens de Cavalaria é tema relevante e que merece maior destaque por meio de consultas a mais fontes primárias. Em outra oportunidade, será possível aprofundar o tema do presente estudo, ampliando o campo de análise, com vistas à compreensão dos valores militares das Ordens de Cavalaria.

## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, W.H. *Heraldry Illustrated*. New York: Bureau of Heraldry, 1897.
- AQUINO, Tomas de. *Suma Teológica*. s.n.t. Disponível em <<https://sumateologica.wordpress.com/download/>>. Acessado em 23/04/2017.
- ARISTÓTELES. *A Política*. 2 ed. Bauru: Edipro, 2009.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 3 ed. Bauru: Edipro, 2013.
- ARMORIAL Equestre *Toison d'Or*, 1430-1461. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55009806h/f1.image>>. Acessado em 16 de novembro de 2016.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. 2ed. São Paulo: Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. *O Que é História Cultural?*. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARRAFA, Alberto y Arturo Garcia. *Enciclopedia Heráldica y Genealógica Hispano-Americana*. Tomo I. Madrid: Antônio Marzo, 1920.
- COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando Alexandre dos. O Pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a Vida Militar, a Guerra Justa e as Ordens Militares de Cavalaria. In: *Revista Mirabilia*, ISSN 1676-5818, v. 10, jan-jun, 2010.
- DE PAULA, L. C. C. (Org). *Tópicos Especiais: Memórias e representações Militares*. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.



- DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria: A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.
- FLORI, Jean. *Chevaliers et Chevalerie*. Paris: Fayard, 2012.
- FOX-DAVIES, Artur Charles. *A Complete Guide to Heraldry*. London: Bonanza Books, 1985.
- HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosacnaify, 2015.
- KERN, Maria Lúcia. *Tradição e Modernidade: A Imagem e a Questão da Representação*. In: Revista de Estudos Ibero-Americanos. v. 31, n. 2, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *Dinheiro na Idade Média*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *Homens e Mulheres da Idade Média*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.
- LE MOS, Tatyana Nunes. *O Nobre e o "Pobre" Cavaleiro: Duas Perspectivas Lulianas*. Revista Mirabilia, ISSN 1676-5818, v. 8, Dec. 2008.
- LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria (1283)*. Trad.: Ricardo da Costa. 2ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2010.
- MAJOLO, Mariáh; VASQUES, Ronaldo Salvador. A Indumentária como Elemento Distintivo: A Cor do Vestuário como Componente da Classificação Social na Idade Média e Contemporânea. In: *VI Congresso Internacional de História, 2013*. Disponível em <[http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/540\\_painel\\_final.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/540_painel_final.pdf)>. Acessado em 13/07/2017.
- MARIN, Louis. *De la Représentation*. Paris: Seuil Gallimard, 1994.
- MATTOS, Armando de. *Manual de Heráldica Portuguesa*. 2 ed. Porto: Livraria Fernando Machado, 1941.
- PARKER, James. *A Glossary of Terms Used in Heraldry*. Oxford: University of Oxford, 1894.
- PEREIRA, S.J. I. *Dicionário Grego Português e Português-Grego*. 8.ed. Lisboa: Livraria A.I., 1998.
- PESAVENTO, Sandra J.. *História Cultural*. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- POLIANO, Luiz Marques. *Heráldica*. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1986.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: A Inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- RIETSTAP, J.B.. *Armorial Général*. 2.ed. Tomo I. Gouda: Goor Zonen, 1884.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. Bauru: Edusc, 2007.
- TOURNAY, Gilberto. Instrução dos Reis e dos Príncipes. In: *Coleção Pensamento Franciscano - Volume X*. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/EDUSF, 2008.
- WOODWARD, John. *A Trestise on Heraldry British an Foreign*. Edinburgh: W.A.K Johnston, 1896.
- WORTHY, Charles. *Practical Heraldry*. London: Heorge Radway, 1889.
- YÁZIGI. *Dictionary*. 2ed. London: Oxford University Press, 1973.